

A NÃO COR DO POEMA OU UMA ESCRITA ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA?

*Jussara Santos*¹
Puc Minas

Para o homem: negro
Para o homem: rosa
Para o homem: ouro
Para o homem: azul
Quais são as cores que são suas
cores de predileção)

Caetano Veloso

Publicado na década de 80, o livro *A cor da pele*, do poeta mineiro Adão Ventura, tornou-se, na época, referência no que diz respeito à chamada poesia negra ou afro-brasileira. Entusiasmado com a publicação, Silviano Santiago se manifesta sobre o processo de produção/criação do poeta negro mineiro. No ensaio escrito em 1981, Santiago aponta alguns aspectos da poesia de Adão Ventura que, hoje, após o caminho trilhado por outros autores negros, permite-nos questionar a ação crítica de Silviano Santiago como também a produção literária daquele autor.

O texto que aqui se apresenta pretende, então, discutir, ou quem sabe, dialogar com Santiago a respeito de algumas características por ele apontadas.

Parto, em primeiro lugar, da filiação. Silviano Santiago filia o poeta Adão Ventura ao que ele chama de

(...) tradição ocidental da poesia negra, tradição esta elevada à condição soberana por um Cruz e Souza em pleno movimento simbolista. Isto quer dizer que Adão Ventura, tanto quanto Cruz e

¹ Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

Souza, faz legítima poesia ao mesmo tempo em que faz excelente poesia negra. (SANTIAGO, 1984)

Santiago prossegue dizendo que

(...) o elemento negro no poema não é produto da ornamentação vocabular, o que apenas denotaria certo exotismo tão ao gosto de poetas de linha romântica. O negro como produto da ornamentação vocabular acaba por dar origem a uma poesia, como diria Oswald de Andrade, comentando o farisaísmo folclórico de Cassiano Ricardo, que é “macumba pra turista”. O elemento negro, na poesia de Cruz e Souza e nestes curtos poemas de Adão, advém do drama negro que é refletido pela poesia e que o poema (sem cor vocabular) carrega de alta tensão emocional. O elemento negro no poema, íntimo ou histórico, social ou racial, é antes sujeito ou objeto de reflexão do que arabesco de decoração. Enquanto reflexão, apela para a consciência crítica do leitor e para a revolta contra o estado passado e presente.²

Legítima poesia ao mesmo tempo que faz excelente poesia negra (SANTIAGO, 1984). A afirmação de Silviano Santiago aponta para algumas questões muito importantes. Primeiramente ele fala em poesia e poesia negra, ou seja, estabelece uma dicotomia. Depois ele fala em excelente poesia negra, colocação essa que nos permite pensar que para haver uma excelente poesia negra, é preciso haver uma de valor inferior. Outras colocações:

poema sem cor vocabular, nele não lemos transcrições fonéticas um pouco ridículas do que seria o falar “estropiado” do negro. O elemento negro no poema, íntimo ou histórico, social ou racial, é antes sujeito ou objeto de reflexão do que arabesco de decoração.³

Concluo, então, que ao falar em elemento negro no poema como sujeito ou objeto de reflexão, Silviano Santiago talvez busque diferenciar a poesia de Adão Ventura (*excelente poesia negra*) da chamada poesia militante ou panfletária e/ou daquela produzida por

² SANTIAGO, 1984. p.13-15.

³ SANTIAGO, 1984. p.14.

autores não negros que, ao se apropriarem, algumas vezes, dessa temática, representam o negro como mero *arabesco de decoração*.⁴

Ora, é sabido que, quanto à condição negra e à literatura brasileira, é possível evidenciar dois posicionamentos: a representação do negro como objeto, numa visão distanciada e estereotipada, e a representação do negro como sujeito numa atitude compromissada. Temos, assim, de um lado a literatura sobre o negro e de outro a literatura do negro

esta à luz de vivências e tomadas de posição vinculadas à singularidade cultural, nas quais se destaca a assunção da palavra poética como espaço de afirmação, de resgate e de resistência.⁵

O posicionamento que aqui nos interessa é o que diz respeito ao negro como sujeito e sua atitude compromissada. A literatura feita por autores negros conta com nomes pioneiros: Luís Gama (1830-1882), Lima Barreto (1881-1922) entre outros, porém,

o posicionamento engajado só começa a corporificar-se, efetivamente, a partir de vozes precursoras nos anos 30 e 40, ganha força a partir dos anos 60 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos 70 e no curso da década de 80, preocupados com destacar em suas obras, a condição negra na realidade brasileira, como forma de afirmação cultural.⁶

A atitude compromissada desses autores negros tem relação direta com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros.⁷ Esses escritores passaram a manifestar em seus textos

⁴ SANTIAGO, 1984. p.14.

⁵ PROENÇA FILHO. 1988. p.80.

⁶ PROENÇA FILHO. 1998. p.80. (Grifos meus)

⁷ 1915, o aparecimento, na imprensa, de periódicos especializados, entre eles, Menelik (1915-1935), *O Clarim da Alvorada* (1924-1937), *Voz da Raça* (1924-1937); em 1931 surge a *Frente Negra Brasileira*. Segue-se o interregno silenciador da ditadura getuliana. 1945 funda-se a Associação de Negros brasileiros, anteriormente em 1944 cria-se o Teatro Experimental do negro e em 1978 surge o Movimento Unificado contra a discriminação racial. In: PROENÇA FILHO. 1988. p.95.

um comprometimento ideológico deliberadamente assumido, nos quais predominam uma posição de resistência e luta pela afirmação e pelo reconhecimento social.

É aqui que, a meu ver, se estabelecem as diferenças da poesia de Adão Ventura apontadas por Silviano Santiago. Ao afirmar, *legítima poesia e excelente poesia negra*, o crítico aponta para um comprometimento étnico na poesia de Adão Ventura acompanhado de um projeto estético original advindo do sentimento da cor da pele. Santiago tenta, assim, explicar a dicotomia mencionada anteriormente.

Concordo em parte com ele, porém, uma leitura mais detalhada do livro *A cor da pele* permite-nos flagrar momentos de conteúdo manifesto, o que em termos de linguagem literária, pode comprometer a coleção.

Assim Santiago lê o poema que se segue:

em negro
teceram-me a pele
enormes correntes
amarram-me ao tronco
de uma Nova África

O homem se descobre negro na tessitura da pele e nesta vê as marcas da escravidão e do degredo, sente os sofrimentos e sente a Mãe-África. Vale dizer: descobre a história da escravidão e a comunidade.⁸

De acordo com Santiago, o homem descoberto negro vê as marcas da escravidão e os sofrimentos uma vez degredado. Mas ao dizer *enormes correntes amarram-me ao tronco de uma Nova África*, Adão Ventura leva-nos a pensar que as correntes já o amarravam na Velha África.

Santiago continua dizendo que

a cor da pele é marca indelével que não se apaga com os bons sentimentos humanitários ou patrióticos, nem com a política paternalista dos governantes ou populista de oposição. Por isso é

⁸ SANTIAGO, 1984. p.15.

que o elemento negro não é relíquia ou simples vocábulo para Adão (...). O negro é confluência de corpo e pele; o negro é lugar e tempo de ação. Ação difícil, quase impossível, pois a raça perdeu o seu horizonte histórico com o degredo e a escravidão, encontrando-se murada num país que não é e não pode ser o seu.⁹

Dessa forma, Santiago compreende as palavras *muro*, *parede*, curral no poema abaixo, ou seja, palavras que orientam o crítico para estagnação e falta de perspectiva do homem negro:

Carrego comigo
a sombra de longos muros
tentando impedir
que meus pés
cheguem ao final
dos caminhos

Publicado em 1980 – edição do próprio autor – dado importante se quisermos considerar a relação entre o mercado editorial brasileiro e os escritores em nosso país – *A cor da pele*, a meu ver, se equivoca, em alguns momentos, por prender-se a uma *Mãe-África*, expressão de Santiago, uma vez que África não pode ser outra coisa para o autor, um negro-brasileiro, senão um espaço idealizado.

Dizer que as

fronteiras impostas pela escravidão passam a ser o verdadeiro muro para o negro, aquele que não o deixa vislumbrar nem o caminho histórico da raça no seu continente, nem o caminho do retorno e que o substantivo Brasil com o adjetivo brasileiro construiu para o negro nos trópicos um muro de que o negro lúcido de hoje não consegue desvencilhar-se,¹⁰

forma uma imagem um tanto quanto negativa do futuro para o homem negro brasileiro.

Ainda que Adão Ventura tenha publicado essa coleção em 1980 e que Silviano Santiago tenha escrito esse ensaio ainda no calor

⁹ SANTIAGO, 1984. p.15.

¹⁰ SANTIAGO, 1984. p.13-15.

da publicação, é preciso ressaltar que, já nesse momento, não restava apenas ao homem negro brasileiro viver emparedado no presente, que transparece no poema *Faça sol ou faça tempestade*:

faça sol ou faça tempestade
meu corpo é cercado
por estes muros altos
– currais
onde ainda se coagula
*o sangue dos escravos*¹¹

nem tão pouco manter o *sentido de prisão, de enclausuramento, dado pela cor da pele*.

Fala sol
ou faça tempestade
meu corpo é fechado
*por esta pele negra*¹²

Reconheço a importância da coleção e da busca e tentativa do autor em chamar atenção da sociedade, ou pelo menos do restrito público leitor de poesia no Brasil, para as questões étnicas que afloram no país e que são escamoteados em sua grande maioria. Mas penso que *A cor da pele* cumpriu apenas o primeiro momento de um projeto artístico, ou seja, cumpriu seu papel enquanto arte compromissada. Mas fazendo coro novamente com Domício Proença Filho “a arte literária compromissada precisa ser arte literária antes de ser compromissada, sob pena de descaracterizar-se e perder seu poder de repercussão mobilizadora”.¹³

Em 1992, doze anos após a publicação da obra *A cor da pele*, Adão Ventura publica *Textura Afro*, agora pela Editora Lê, e alguns equívocos parecem lá se repetir. O poema *Comensais*, por exemplo, poderia muito bem estar publicado na coleção de há 10 anos.

¹¹ SANTIAGO, 1984. p.13.

¹² SANTIAGO, 1984. p.14.

¹³ PROENÇA FILHO, 1988. p.105.

A minha pele negra
servida em fatias,
em luxuosas mesas de jacarandá
a senhores de punhos rendados
*bá 500anos.*¹⁴

Ou ainda o poema *Ainda*

Numa senzala
fa
vela
acesa
– marca de ferro e fogo
chicote de polícia
– lanhos
nos ombros
garrote em corte
*de morte albeia.*¹⁵

É claro que nesses doze anos entre uma publicação e outra a violência racial continua sendo uma realidade para o povo negro no Brasil, a discriminação, o preconceito, mas os muros já não estão intransponíveis como apontaram Silviano Santiago e Adão Ventura. Racismo, crime inafiançável previsto pela Constituição Brasileira, já leva muitos homens e mulheres negros a lutarem na justiça por seus direitos.

A imagem do negro triste, melancólico, sofrido vem sendo pouco a pouco substituída pela imagem do negro inserido em seu contexto social saindo do lugar que lhe fora anteriormente determinado.

Ao poeta negro brasileiro, cabe estar atento e beber de todas as fontes, afinal, como bem dizia Ezra Pound, a poesia não existe no vácuo, mas em circunstâncias histórico-sociais concretas. Rever o mundo e, conseqüentemente, a própria obra não é tarefa única do poeta, mas também do crítico e de todo leitor.

¹⁴ VENTURA, 1992. p.12.

¹⁵ VENTURA, 1992. p.13.

Referências Bibliográficas

SANTIAGO, Silviano. In: *A cor da pele*. VENTURA, Adão. 3.ed. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1984.

PROENÇA FILHO, Domício. O negro e a literatura brasileira. In: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, v.49, n.1-4, p.77-109, jan-dez. 1988.

VENTURA, Adão. *A cor da pele*. 3.ed. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1984.

VENTURA, Adão. *Textura afro*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1992.

Resumo

O presente texto tem como objetivo discutir, a partir do ensaio de Silviano Santiago intitulado *A cor da pele*, parte da obra do poeta mineiro Adão Ventura.

Summary

The present text has as objective discusses, starting from the analysis of Silviano Santiago entitled *The color of the skin*, part of the poet's Adão Ventura work.